

## MARCAS REGISTRADAS

A ideia de “deixar a marca” tem uma ressonância especial neste mundo contemporâneo das pós-verdades e de um possível pós-capitalismo, sobretudo se apreendida no contexto de uma pandemia global, mas, na verdade, desde que se entende enquanto tal que a humanidade procura deixar a sua marca em todo o lado: da parede da caverna à paisagem, do papiro ao que a fibra óptica transporta, do obelisco à superfície fresca do tecto da capela, do muro da cidade ou do comboio à superfície lunar e daí até onde alcançam os sinais de rádio enviados para os confins do universo.

Essa ideia de “deixar a marca” pressupõe sempre movimento e abandono: deixa-se uma marca num lugar porque se transita para outro lado. A marca fica, portanto, como o registo de uma presença, de uma acção ou pensamento, de uma ideia do mundo, de uma mensagem poética, artística, política, apocalíptica, mística ou... comercial. A marca fica. E os homens e as mulheres partem. E desde cedo que se percebeu que a pele também poderia carregar essas marcas. Descobertas arqueológicas em diferentes continentes confirmam que há milhares de anos que esse impulso de inscrever na pele humana as marcas de cultura das diferentes tribos é uma prática disseminada.

Essas marcas escritas na pele humana hão-de, em diferentes épocas, ter cumprido diferentes propósitos: ritualísticos e religiosos, espirituais, estéticos, estratégicos até – a marca na pele poderia muito bem ter a intenção de incutir medo no inimigo. E hoje?

Bernardo Simões Correia e Alexandre Camarao, artistas plásticos que enquanto dupla assumem a “marca” ABCC, responderam ao desafio da Brotéria, que desenvolveu um ciclo de debates em torno do tema *Tatuagens*, com uma exposição em que apresentam a sua arte num conjunto de imagens que partem do turbilhão digital em busca de um sentido estético particular.

As “colagens” de ABCC inserem-se numa linhagem artística ancorada na emergência do modernismo no início do século XX. De Georges Braque e Pablo Picasso a Andy Warhol ou Romare Bearden e desse universo das artes visuais à música com Pierre Schaeffer ou Karlheinz Stockausen, os Beatles e, mais tarde, todo o hip hop, há uma longa e fértil história de artistas que entenderam que a sobreposição, manipulação, recontextualização, alteração e apropriação de materiais visuais ou sonoros previamente existentes poderiam ser ferramentas para a construção de novas ideias e visões, de novas obras, de novas formas de entender ou subverter o mundo. Novas formas de imprimir... marcas.

A arte de ABCC exposta neste conjunto de cartazes e vídeos faz-se da apropriação de “detritos” captados no tal turbilhão digital e repensados como nova matéria significante a partir do momento em que são apostos e confrontados com um pensamento estético particular que não está isento de uma profunda ironia, mas que resulta muito mais crítico do que num primeiro momento as suas “montagens” poderão sugerir. Como toda a arte, a de ABCC também é um comentário sobre o mundo. Mas, para lá dessa evidência, a arte de Simões Correia e Camarao possui igualmente essa estranha força que decorre da própria resistência que oferece ao olhar, porque o que num primeiro momento poderá parecer familiar e desde logo “descartável” – afinal de contas eles lidam com a matéria com que todos os dias nos cruzamos no espaço digital das redes sociais ou dos “produtores de conteúdos” (território por excelência para a circulação das “marcas”) – revela afinal outras camadas, verdadeiros palimpsestos de novas ideias inscritas sobre “textos” – publicitários ou comerciais, jornalísticos ou artísticos e de outras naturezas e contextos – pré-existentes e, assim sendo, desvirtuados, esvaziados de sentidos originais e disponíveis para outras interpretações.

O interessante na obra da dupla ABCC é que exige de quem a vê um trabalho de reflexão pelo menos tão importante quanto o que os próprios artistas efectuaram sobre a matéria apreendida e reorganizada: é como se Alexandre Camarao e Bernardo Simões Correia nos convidassem a nós mesmos a deixarmos a “marca” do nosso olhar, i.e., do nosso pensamento, nos seus quadros e vídeos. Estes quadros são, enfim, espelhos onde é possível vislumbramos os sentidos simples ou absurdos, directos ou obtusos, transparentes ou opacos – as múltiplas marcas, portanto – que carregamos no mais fundo de nós mesmos.

Rui Miguel Abreu

Julho 2020

# CORIIUM

## ABCC

## #coriumabcc

## Galeria 16.07 — 19.09.2020

- 1 - "Earrings", 2020, impressão UV s/ plexiglass, 100x70cm
- 2 - "Stripes", 2020, impressão UV s/ plexiglass, 100x70cm
- 3 - "Rug", 2020, impressão UV s/ plexiglass, 100x70cm
- 4 - "Sky", 2020, impressão UV s/ plexiglass, 100x70cm
- 5 - "Marantz", 2020, impressão UV s/ plexiglass, 100x70cm
- 6 - "Sinbad", 2020, impressão UV s/ plexiglass, 100x70cm
- 7 - "Mask", 2020, impressão UV s/ plexiglass, 100x70cm
- 8 - "Star", 2020, impressão UV s/ plexiglass, 100x70cm

- 9 - "Diamond", 2020, impressão UV s/ plexiglass, 100x70cm
- 10 - "Bees", 2020, impressão UV s/ plexiglass, 100x70cm
- 11 - "Broken", 2020, impressão UV s/ plexiglass, 100x70cm
- 12 - "Masks", 2020, impressão UV s/ plexiglass, 100x70cm
- 13 - "Gloves", 2020, impressão UV s/ plexiglass, 100x70cm
- 14 - "CORIUM", 2020, 9'29"
- 15 - "Phos Phainen", 2020, 9'08"

Mais informações sobre a disponibilidade das obras e posters:  
[abcc.emaill@gmail.com](mailto:abcc.emaill@gmail.com)

Som: DSI Poly Evolver

### CORIUM

Convidados pela galeria da Broteria a pensarem nas marcas que se inscrevem na pele, os ABCC apresentam CORIUM. O nome latino dado à camada de pele que se encontra entre a epiderme e os tecidos subcutâneos serviu para furar os espaços da rua para a galeria, da galeria para a rua. Aproveitando um hiato na programação regular da cidade para a inscrever de imagens, os ABCC tatuam-na de cartazes.

Jogam aqui com ambos os lados do espelho quando se assumem motores de busca do imenso e inesgotável depósito digital. Navegam com humor em associações de algoritmos e trazem-nos um processo invertido: não é o objecto artístico que vai parar à internet, fotografado, reproduzido, catalogado; é o banco de imagens que se faz matéria, manifestando-se no papel, no toner e no acrílico.

A subtiliza destas passagens entre as dimensões física e digital antecipam um universo de realidades paralelas, *wormholes* de transporte, atalhos no contínuo espaço-tempo, sinalizados por imagens que marcam as suspenções: como o tapete oriental que é muro e precipício, *vanishing point* e túnel para o lado de lá, ou os martelos pneumáticos que são pistolas de tatuador a apontar um centro. Na evocação de um espanta-espíritos e de um reldigio de pulso a derreter-se em *bling*, brincos de um rosto tecido em missangas, vem à tona "A Persistência da Memória", de Dalí, como uma pedra que se lança num charco, andando para a frente e para trás no tempo, à procura dos círculos concêntricos que vão marcando os ritmos e rituais da sua passagem.

Broteria\_galeria

Julho 2020

6 7 8 9 10

11

12

13

14

1

2

3

4

5

14